

REVISTA DE

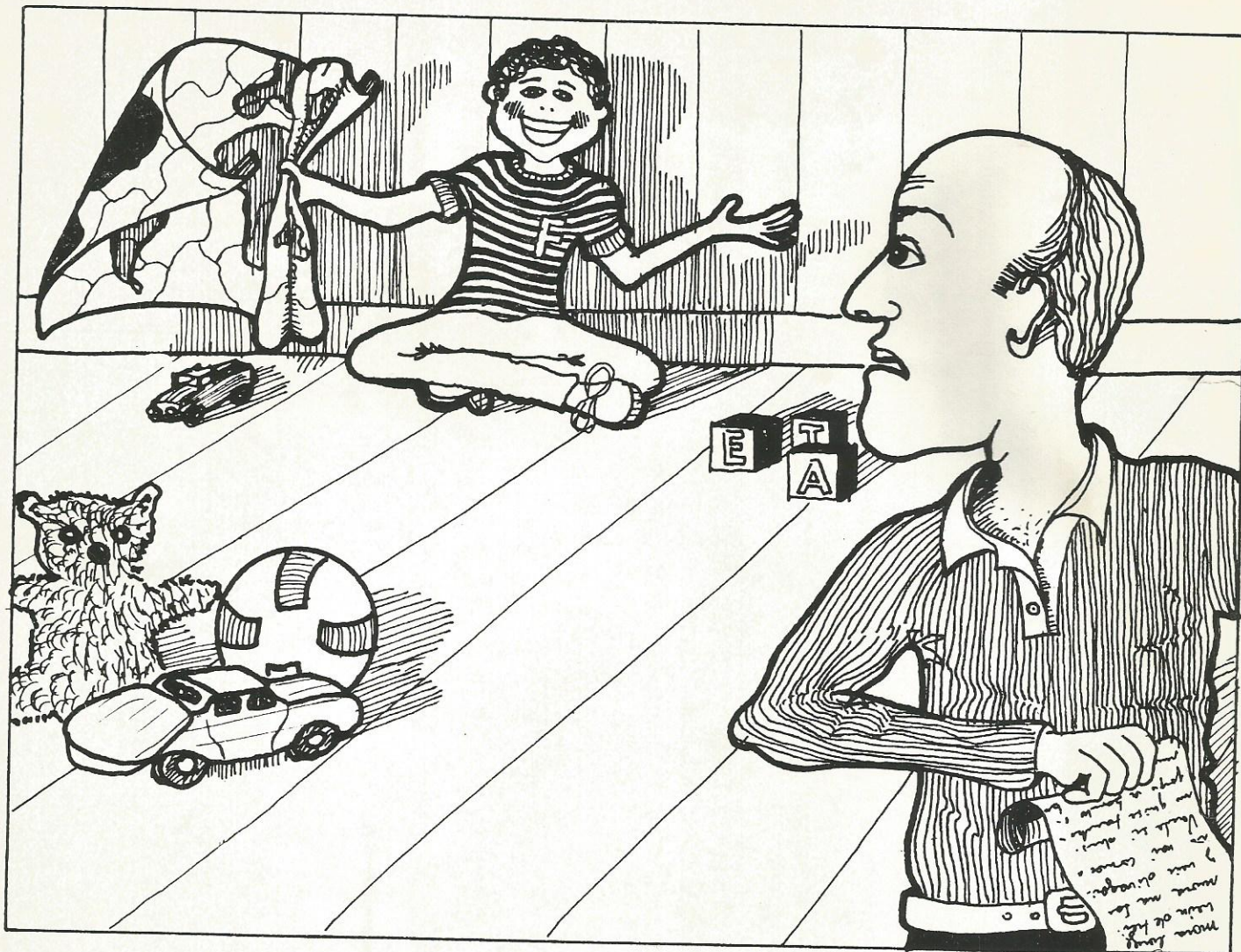
# HOMEOPATIA *similia*

Revista de divulgação científica do Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure"  
Nº 62 - JULHO/AGOSTO/SETEMBRO de 1986 - Cz\$ 20,00

## Percepção de harmonias

Febre e  
convulsão





O Pastor estava em sua sala, tentando redigir o sermão para o serviço religioso que realizaria dali a algumas horas. Por mais que tentasse não conseguia concentrar-se, pois seu filho de 7 anos brincava ao lado, fazendo muito barulho. Pensando numa maneira de fazê-lo ficar quieto, viu na parede da sala um mapa do mundo. Chamando o filho, disse-lhe:

– “Filho, vou fazer um quebra-cabeça com este mapa. Vamos ver se você pode montá-lo.”

– “Já entendi, papai.”

O Pastor imaginou sorridente que o filho levaria pelo menos uma hora para montá-lo e ele poderia tranqüilamente preparar o sermão. Apenas começara a escrever, quando seu filho exclamou gritando:

– “Papai, acabei!”

Surpreso, achou impossível ter ele feito em poucos minutos o trabalho de no mínimo uma hora. O mapa do mundo estava ali arrumado, perfeito.

– “Filhinho, como foi que você conseguiu em tão pouco tempo?” Sorridente e matreiro, o garoto respondeu:

– “Papai, o senhor não tinha reparado que nas costas do mapa estava desenhada a figura de um homem. **EU CONSERTEI O HOMEM E O MUNDO FICOU BOM!**

*(Colaboração de Ricardo Agune)*

# similia similia

## FUNDADOR

David Castro

## EDITOR

Vagner Doja Barnabé

## CONSELHO EDITORIAL

Maria de Fátima Alonso Rimoli

Sérgio Duarte Guilherme

Sonia Montenegro

Sylvio Antonio Mollo

## JORNALISTA RESPONSÁVEL

### – REDATOR

Denise Maria Ribeiro

(M.T. 12.379)

## PRODUÇÃO GRÁFICA

Exata Set Comunicação

Gráfica Ltda.

## FOTOGRAFIA

José Carlos Misiara

## DIREÇÃO ADMINISTRATIVA

Sérgio Duarte Guilherme

## PUBLICIDADE/DISTRIBUIÇÃO

Vanderlei Doja Barnabé

SIMILIA é uma publicação do  
Grupo de Estudos Homeopáticos de  
São Paulo "Benoit Mure", rua  
Conselheiro Saraiva, 388, Santana  
CEP: 02037 - Fone: 290-5318

# Ao Leitor

"*Simile simili cognoscitur*". O Semelhante é conhecido pelo Semelhante. Essa expressão colocada há mais de 600 anos pelo Doutor Angélico Santo Tomás de Aquino, caracteriza a proposta de Similia nesse retorno de longo recesso. Gostaríamos que nosso leitor encontrasse aqui um espaço onde pudesse se expressar e ver-se expressado através das idéias e valores periodicamente expostos.

Os temas se sucederão. Toda a Natureza deve se expressar, pois tudo no Universo nos é Semelhante quando observamos a realidade em profundidade. Cremos que só pode haver arte, ciência e filosofia se houver verdade interior. Transmitimos essa busca da verdade pois reconhecemos com Rodin que "aquilo que é profundamente verdadeiro para um homem também é para todos". No entanto, como somos eternos buscadores da verdade, mas jamais seus possuidores, nosso espaço está aberto basicamente à crítica e à busca de valores mais sólidos que nos coloquem mais próximos da mãe natureza. Destarte, devemos ser "profundamente, intrepidamente verídicos".

Lei de Semelhança é lei de Harmonia. A harmonia está aí. De sua percepção depende nossas vidas; não aquela vivida mecanicamente, mas aquela sentida intencionalmente. Esta é a ciência da sobrevivência: perceber as harmonias ou perecer. Nessa busca do elo perdido, somos guiados por José Lutzenberger nos mostrando as harmonias que devem ser encontradas na natureza exterior, e por Reine Maria Rilke conduzindo-nos pelas veredas de nosso interior. Ao fim e ao cabo, duas visões que se harmonizam, duas posturas que devem ser tomadas simultaneamente, revelando-se mais uma vez o princípio de complementaridade que rege nosso universo, a luta dos opostos, a harmonia do arco e da lira.

# A consulta homeopática

*Não há no íntimo do homem, nada mórbido que seja curável, nem alteração mórbida curável, que não se revele ao médico observador por meio de sinais e sintomas mórbidos — o que está em perfeita harmonia com a bondade infinita do onisciente Preservador da vida humana.*

*Hahnemann — Organoson, § 14*

Os métodos utilizados pelos médicos homeopatas no tratamento de seus pacientes deixam inquietas as pessoas acostumadas com a parafernália de instrumentos e medicações da medicina ocidental clássica. Habitadas ao contato rígido e impessoal do relacionamento com os médicos tradicionais alopatas, os novos adeptos da homeopatia descobrem um outro mundo ao sentir que sua estabilidade orgânica, muitas vezes, depende apenas de uma conversa adulta e franca com o homeopata. Por isso, o primeiro encontro entre médico e paciente é importante para o restabelecimento do estado de saúde do indivíduo, na medida em que poderá apontar para uma nova alternativa de vida.

Para o homeopata George Washington Galvão Nogueira é a partir do primeiro contato que o entrosamento entre médico e paciente começa a se efetivar. Segundo afirma, esse entrosamento resultará no diagnóstico homeopático da doença, do medicamento a ser indicado e no aconselhamento a ser discutido. Em relação ao paciente, salienta Galvão, esse entrosamento é essencial para que ele possa julgar se é possível um relacionamento aberto entre ambos.

Muitas vezes, logo no primeiro contato, fica evidenciada a impossibilidade de se trabalhar juntos, explica o médico. “Essa dificuldade ocorre em 20% dos casos e acontece por um desencontro de objetivos ou formação dos dois”, acrescenta.

O homeopata revela que, em muitos casos, o objetivo imediato do paciente é de alcançar uma determinada cura que não poderá ser oferecida por esse tratamento ou por esse médico. Em outros momentos, a formação cultural (as bases culturais das pessoas e não suas condições intelectuais ou sociais) distancia-os: “Isto porque é necessária uma visão quase semelhante dos dois no que se refere aos objetivos de vida, crença religiosa, prioridade e valores humanos”.

## Uma outra abordagem clínica

O exame começa pela observação do paciente durante a consulta, afirma Galvão. Segundo declara, o paciente é submetido a um interrogatório no qual deverá recordar (anamnese) com o máximo de detalhes, os acontecimentos médicos mais importantes de sua vida. “Essa conversa deverá conter dados psicológicos, caracte-

terísticas de comportamento, preferências alimentares, sensibilidade em relação às estações do ano e mudanças da lua. Enfim, tudo o que possa diferenciá-lo das demais pessoas, tanto na sua história quanto no momento atual de vida”.

O homeopata explica que, com o conjunto dessas informações, o médico chegará ao nome do medicamento ideal para o tratamento do paciente nesta etapa de sua existência. De posse de todas essas informações, o médico checa a necessidade de discutir ou não com o paciente a maneira pela qual ele vem encarando sua vida, seu trabalho, seu relacionamento familiar, afetivo e social, sua alimentação e outros aspectos do cotidiano. “Porque, se não houver interesse do paciente em esclarecer estas questões, não há médico nem medicina capazes de curar uma pessoa, em condições doentias de vida, que não possa ou não deseje modificá-las”.

Em geral, na primeira consulta, o paciente não está preparado para um relacionamento tão amplo e estranha várias dessas perguntas, negando-se muitas vezes até a respondê-las. “Nessas situações cabe ao médico contornar o problema usando sua experiência e conhecimento médicos, que de-

verão estar enriquecidos por relações humanas e psicológicas”.

Segundo Galvão, ao contrário do que muitos pensam, a medicina homeopática não se recusa à utilização de determinados exames, caso o quadro clínico do paciente o exija. “Isto acontece nas infecções graves onde é importante, para a avaliação homeopática, um hemograma. Também no trabalho de parto, o exame do abdômen e do colo de útero é necessário. Nos casos de patologias cirúrgicas é utilizado o exame de raio X e ultrassom”.

Por outro lado, dados pouco considerados pela medicina tradicional, como os sonhos, são muito relevantes para o médico homeopata. “Os sonhos já foram devidamente valorizados por sua importância em revelar o que vai de mais profundo no ser humano”, declara Galvão. “Na homeopatia, é essencial a caracterização do indivíduo no seu todo e, este importante fato da área psicológica, necessita de uma análise rigorosa para o acerto na indicação da terapêutica medicamen-

tosa, segundo argumentava o próprio Samuel Hahnemann”, acrescenta ele.

### Medicina Preventiva

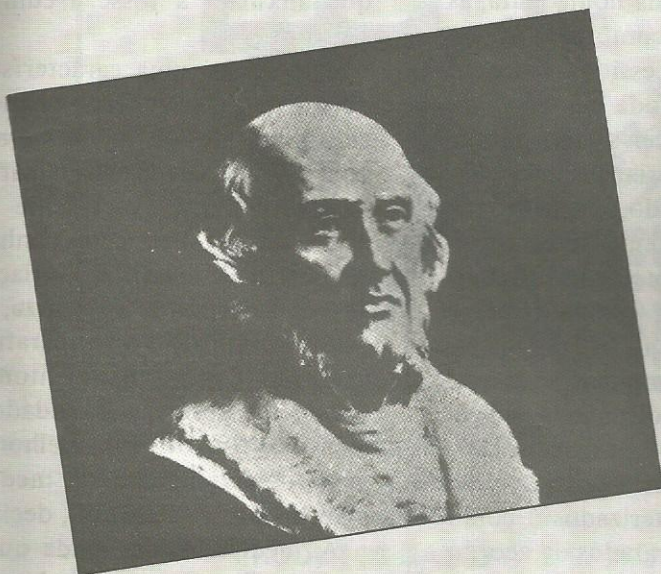
Mas, apesar desses cuidados com o aspecto individual de cada paciente, a homeopatia é ainda uma medicina minoritária na cultura ocidental, em razão da situação econômica deficitária de grande parte do mundo, afirma o médico. Contrariando esta dura realidade, diariamente cresce o número de pessoas que procuram, na homeopatia, uma forma de conservar a saúde.

Segundo o médico, este crescimento acontece porque algumas pessoas desconhecem a homeopatia, outras buscam nela uma nova esperança de vida, frequentemente sem entender que, para a homeopatia, a cura depende exclusivamente do paciente. “Há os que procuram o tratamento homeopático quando seu organismo não suporta mais os efeitos colaterais dos remédios com grandes dosagens químicas da medicina

alopática. Outros só recorrem a esta alternativa de tratamento, quando já não há nada mais a fazer por si mesmos, tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Tais posturas são perigosas porque a homeopatia deve ser vista como um meio de preservar a saúde e não como última possibilidade de cura de um mal crônico que não oferece perspectiva de recuperação”, ressalta Galvão.

Esse entendimento, de acordo com o homeopata, só virá mais tarde, quando o relacionamento entre médico e paciente tornar-se perfeito. Ficarà mais fácil, então, perceber que a medicina homeopática é essencialmente preventiva, sendo a pedra angular desta prevenção a consulta médica frequente.

Concluindo, Galvão faz questão de frisar que “a homeopatia é a expressão cultural de um grupo humano específico para o qual os valores da natureza, alma e afetividade estão acima do trabalho, intelectualidade, riqueza e outras manifestações de poder que norteiam a sociedade”.



### COMO DEVE SER UM BOM MÉDICO

“Escolhei de preferência um médico que jamais se mostre grosseiro, que nunca se irrite, salvo à vista de uma injustiça; que não desdenhe de pessoa alguma, salvo os lisonjeadores; que tenha poucos amigos, mas por amigos, homens de coração; que deixe aos que sofrem a liberdade de se lastimarem; que jamais emita uma opinião sem prévia reflexão; que prescreva poucos medicamentos, a maioria das vezes um único, e em substância (recordar que a essa época Hahnemann já começara a trilhar o caminho homeopático, sem no entanto o ter definido totalmente); que viva modestamente e retirado, afastado do ruído da multidão; que não dissimule o mérito de seus confrades e não faça auto-elogio; infim um amigo da ordem, da tranquilidade, um homem de amor e de caridade.

“Antes de escolherdes um médico observai como ele se comporta com os doentes pobres e se, em seu gabinete, quando está só, se ocupa com trabalhos sérios”.

*Samuel Hahnemann*

# Observe melhor seu filho

*Ver é prever um ato. Quando observamos de maneira equivocada determinado fenômeno, prevemos equivocadamente. Isso causa graves conseqüências quando se trata de um ser humano, agravando-se a situação no caso das crianças, dada a dificuldade de sua expressão. Geralmente o que e como observar determina o início da cura.*

A vida atribulada de uma cidade como São Paulo não permite que muitas mães homeopatas, que mantêm outras atividades fora do lar, possam observar detalhadamente seus filhos tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Numa cidade como esta, onde os índices de poluição são altíssimos e as variações climáticas freqüentes, o organismo das crianças está sempre comprometido exigindo maiores cuidados dos pais.

Uma tossinha que não passa, às vezes, de roncões e chiados no peito, nariz escorrendo, dor de ouvido ou garganta, falta de apetite, febre e outras alterações do organismo infantil, são manifestações que afligem as crianças e causam preocupações às mães. Nestas ocasiões, elas ficam tão nervosas que não conseguem analisar corretamente, o que está ocorrendo com o filho e, caso necessitem procurar o homeopata encontram dificuldade em descrever exatamente os sintomas do problema da criança.

## Como proceder

“A primeira atitude que as mães devem tomar nestas ocasiões é manter a tranqüilidade

para saberem o que acontece com seus filhos”, aconselha a homeopata Maria de Fátima Rímoli. Segundo a médica, para ter idéia do que está se passando, a mãe precisa estar em perfeitas condições emocionais para saber se a criança realmente necessita de cuidados médicos”. A tranqüilidade evita as saídas precipitadas para o médico, às vezes sob temperaturas inadequadas, que só prejudicam o estado geral da criança”, observou a homeopata. Em sua opinião somente os casos de acidentes graves, que ofereçam riscos de vida, justificam uma urgente procura do médico.

No entender da homeopata, as mães precisam compreender que as crianças necessitam adoecer para evoluir. “Toda pessoa quando vai amadurecer sofre uma crise e, como as crianças estão em permanente estado de amadurecimento, freqüentemente estas crises aparecem em forma de diarreias, resfriados, tosses, gripes e outras manifestações orgânicas. Quando fica comprovado que estas crises são evolutivas, a indicação de remédios é desnecessária”, esclarece Fátima. “Os casos que ficarem caracterizados como doença” serão tratados de acordo com a individualidade de cada

criança, observando-se o organismo em sua totalidade”, salienta.

## Os sintomas

Segundo a homeopata há casos em que, numa gripe, a criança pode ter tosse, febre e coriza. “Em determinadas situações esta tosse pode ser seca ou com catarro e atacar com maior freqüência durante a noite, por causa da queda de temperatura”. A tosse “cheia”, observa a médica, é considerada benéfica porque elimina o catarro e não se deve oferecer xarope para diminuí-la. O ideal é dar líquido e mel às crianças porque auxiliam a tosse a cumprir sua função.

A coriza é uma característica do resfriado, argumentou a médica. “Ela pode ser fluente ou não, aquosa ou mais grossa, amarelada, esverdeada, escoriante ou não, e muitas vezes acompanhada de obstrução nasal. As variações das características da coriza, segundo o horário e a temperatura, juntamente com outros sintomas, devem ser observados cuidadosamente a fim de que melhor se possa individualizar o medicamento, caso necessário”, declara.

A médica afirma ainda que é comum, durante o período mais

agudo do resfriado ou de qualquer outra alteração da saúde, a criança ficar mais sensível ou mal humorada. Nestes casos, a mãe deve permanecer ao seu lado oferecendo-lhe carinho e amor, pois são nestes momentos em que a criança está carente afetivamente, que ela deseja, perto de si, alguém que lhe transmita segurança.

**O que a mãe não vê**

“As manifestações ligadas à

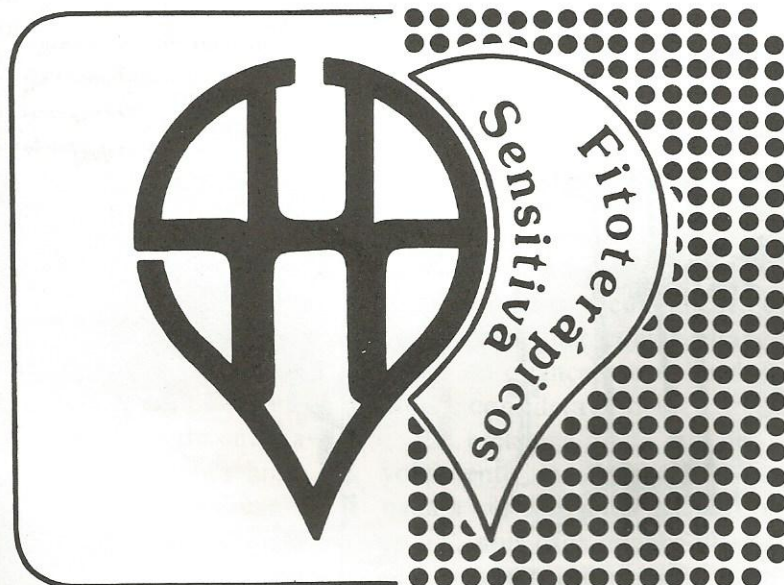
área do comportamento são as que mais passam despercebidas pelas mães”, afirma a homeopata. Segundo ela, a ansiedade, irritabilidade e carência afetiva são demonstrações que, frequentemente, atingem as crianças. Muitas vezes, estes problemas são provocados pela maneira como as mães se relacionam com seus filhos”.

Para a médica, muitas mães tratam seus filhos como verdadei-

ros bonecos. “Nada mais infeliz do que ver uma criança com lacinho de fita grudado com cola na cabeça. Para que isto? A criança tem que ser natural. Não necessita de falsos artificialismos, de roupas bonitas, mas sim de sua mãe perto de si, porque ter filho é a oportunidade que a mulher tem de refazer seus valores, sua educação, enfim sua vida, desenvolvendo-se ao lado da criança”, conclui a médica.

## PHARMÁCIA HOMEOPÁTICA SENSITIVA

AV. PDE. ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS, 1096 – TEL.: 542-7796 – BROOKLIN – SP – CEP: 04563



ATENDIMENTO 24 HORAS

**Horário Comercial:**

Segunda a Sexta – 8:30 às 20 hs.  
Sábado – 9:00 às 14 hs.

Após o expediente, plantão pelo BIP, ligue 815-3344 e deixe seu nome e telefone para o aparelho 28B7.

- MANIPULAÇÃO FEITA POR FARMACÊUTICOS HOMEOPATAS
- DINAMIZAÇÕES PELO MÉTODO HAHNEMANNIANO
- 50 MILESIMAL
- PRODUTOS NATURAIS, CÁPSULAS E COSMÉTICOS FITOTERÁPICOS

# Escolinhas: os prós e os contras

*Em nossos dias o fenômeno escolinha é uma realidade. No entanto, uma realidade nem sempre saudável para seus principais protagonistas: as crianças.*

A difícil situação econômica por que atravessa o país atinge em cheio a grande maioria dos lares brasileiros. Além do processo de emancipação feminino, que colocou as mulheres na rua em busca de uma identidade, a crescente degeneração do orçamento familiar tem induzido centenas de donas-de-casa a abandonarem seu papel secular de mães dedicadas.

Se, por um lado, o “estar na rua” contribui para a satisfação profissional feminina e para um melhor entendimento da mulher como ser social, por outro, a criação e a educação dos filhos vêm sendo relegadas a um perigoso segundo plano. As crianças estão perdendo seu lar. Sua nova morada são creches, berçários, escolinhas, casas de parentes e até de estranhos.

Está claro que, na busca de novos caminhos ou de um melhor ajustamento financeiro, a mãe acaba se distanciando de seu filho. E não se pode dizer, também, que um relacionamento apressado, quando mãe e filho só se vêem após um dia cansativo de trabalho, possa render bons frutos.

Estará a mulher preparada para esta sacrificada divisão de

ser mãe, mulher e dona-de-casa? Até que ponto a ausência da mãe compromete seu envolvimento emocional com o filho? Não estaria a mulher desaprendendo ser mãe?

Para a homeopata Maria de Fátima Rímoli, estas são questões difíceis porque as soluções dependem da proposta de vida de cada pessoa. Segundo ela, embora a situação atual o exija, o trabalho fora — principalmente o de período integral — prejudica profundamente o relacionamento mãe-filho, porque na primeira infância a criança está-se formando

emocionalmente e, nesta fase, ninguém pode substituir a presença da mãe. Ela frisa que as seqüelas da ausência da mãe fatalmente aparecerão na fase adulta, quando os desajustes emocionais, às vezes, são irrecuperáveis.

## As saídas

A médica aconselha os pais a colocarem seus filhos na escola, apenas aos 6 anos, idade em que eles estão completando seu desenvolvimento afetivo e iniciando o intelectual: “Assim, a criança não sofrerá qualquer dano à sua



*Contato com a natureza: princípio básico da educação*

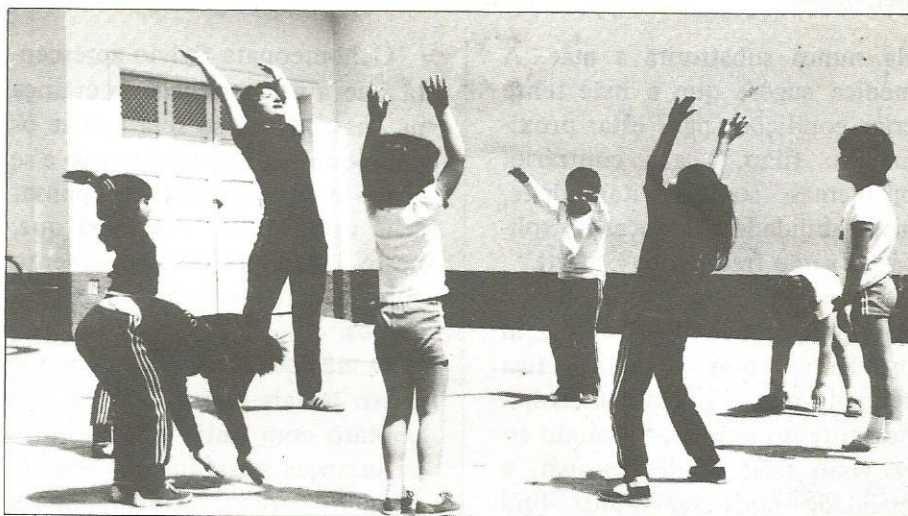


estabilidade emocional, pois já sabe que é amada e está bem consigo mesma". Na opinião da médica, a criança, então, estará pronta para o aprendizado e para absorver os problemas da escola.

Mas, como os problemas econômicos têm primazia em relação à educação infantil — pelo menos na sociedade em que vivemos — o jeito é tentar conciliar o relacionamento mãe-filho com as pressões do dia-a-dia. Uma das sugestões de Maria de Fátima é no sentido de as mães optarem, se possível, por um trabalho de meio período. Ou, no caso de período integral, tentarem um emprego que disponha de creche ou seja próximo do local onde ficará a criança, "de maneira que ela veja seu filho o maior número de vezes possível e possa analisar o que está acontecendo com ele", ressalta a homeopata.

Na opinião do médico Sylvio Mello, não existe idade-limite para a criança começar a frequentar a escola, devendo ser levado em conta o momento da família. "Qualquer situação de dificuldade é agressiva para a criança. É extremamente negativo, por exemplo, colocá-la na escola quando nasce o irmãozinho, pois ela pode interpretar essa atitude dos pais como desamor", reflete. De qualquer forma, segundo o médico, antes dos 5 anos a criança não tem condições de entender a diferença existente entre a escola e o lar e "o melhor lugar para ela é mesmo junto da mãe".

Por outro lado, o homeopata concorda que a escola ajuda na socialização da criança e que, em muitos casos, é a única opção viável para os pais. "O fundamental, então, é ter muito critério na hora de escolher a escola", aconselha Sylvio.



*A importância da integração escola-criança*

### Sem testes psicológicos

Escolas que ensinam crianças de 5 anos a ler, escrever e fazer contas, no entender do médico, certamente não devem ser boas, "porque roubam um pedaço da infância do seu filho e esquecem que cada criança é um caso; algumas aceitam esses métodos, outras não", lembra.

A não ser que o objetivo dos pais seja preparar o filho desde cedo para disputar o vestibular, colégios conceituados, que comecem a alfabetização aos 4 anos, devem ser preferidos. "Se, do contrário, a pessoa está preparando o filho para ser feliz, esses valores tornam-se secundários e ela vai-se preocupar com a alfabetização da criança por volta dos 7 anos", considera o médico.

Ele esclarece ainda que desenvolvimento intelectual não tem nada a ver com a ida prematura à escola, pois cada criança obedece seu próprio ritmo, aspecto do qual as escolinhas se esquecem. Para Sylvio, o que há de pior na estrutura das pré-escolas é a padronização de conduta: "Existe um esquema onde todos são enquadrados, quando o ideal seria

um planejamento adequado, com professores e orientadores aptos a lidarem com o individual de cada criança", defende ele.

A homeopata Maria de Fátima, declaradamente contra as pré-escolas, afirma que, se não houver outra alternativa a não ser colocar a criança numa dessas escolas, a mãe deve escolher uma simples e acolhedora. "As professoras devem procurar sempre *estar* afetivamente com as crianças. O importante é que elas sejam amorosas ao invés de utilizarem psicologias traumatizantes ou submeterem seu filho a testes de nível mental", complementa.

### Casa da avó

Mas amor em excesso também pode ser prejudicial ao desenvolvimento infantil, e isso geralmente ocorre quando a criança é deixada sob os cuidados da avó. Enquanto para a mãe, confiar a educação de seu filho aos avós é sinônimo de segurança e certeza de carinho e bons tratos, para a criança tal escolha pode acarretar problemas psicológicos.

No entender de Maria de Fátima, por melhor que seja a avó,

ela nunca substituirá a mãe. A médica sugere que a mãe tente criar condições para estar próxima do filho, "caso contrário, problemas como irritabilidade, insociabilidade e doenças inexplicáveis serão freqüentes", alerta.

Ela afirma, ainda, que avó é feita para mimar e isso resulta em problemas, pois a criança fica achando que é a pessoa mais importante do mundo. "Quando esta visão falsa se desmoronar, a realidade pode ser muito dura para ela", ressalta. E complementa: "As crianças criadas pela avó são mimadas, amarguradas, ansiosas e preocupadas, enquanto as que ficam com a mãe são mais tranquilas, maduras e amorosas".

O homeopata Sylvio acrescenta que a permanência da criança na casa da avó só será boa se os pais souberem lidar com isso e se a avó estiver disposta a repensar seus valores. Ele considera que, neste caso, o relacionamento com o neto será evolutivo para ambos.

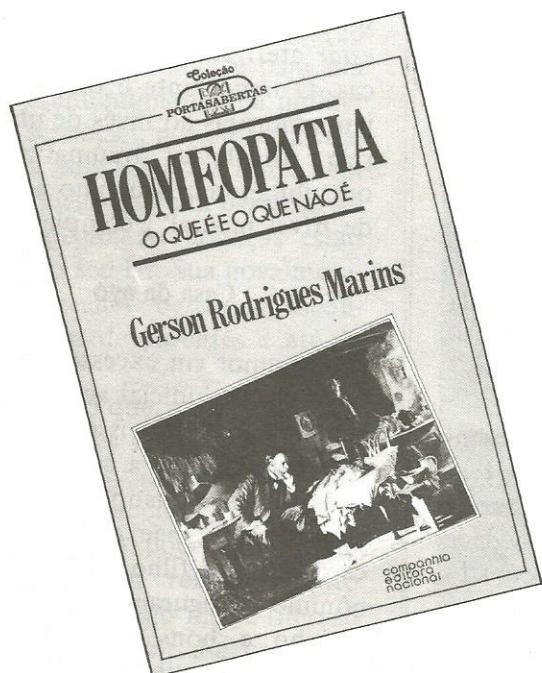
O médico lembra também que a avó jamais poderá substituir o contato com outra criança, pois as crianças possuem um relacionamento único. "Outro dia via uma criança alemã, outra americana e duas brasileiras brincando e conversando, enquanto os adultos se olhavam em silêncio", conta.

Para Fátima, adepta das grandes famílias, os melhores compa-

nheiros entre si são os irmãos. Mas, segundo ela, o fundamental em toda essa estória é dar à criança condições para um desenvolvimento profundo e humanista "pois só se mudam as estruturas sociais doentes com uma transformação interior, e isto começa na infância, respeitando-se a individualidade de cada um", frisa.

O primeiro passo, então, é deixar de lado valores consumistas e, ao invés de embonecar a criança com lacinhos colocados à cabeça e roupas da moda, ensiná-la a viver com liberdade, respeito ao próximo, e amar. De preferência, em contato com a natureza, de pés descalços mas fincados na terra.

## HOMEOPATIA NAS LIVRARIAS



### HOMEOPATIA – O QUE É E O QUE NÃO É

— primeiro trabalho como escritor do jornalista e professor de fotografia Gerson Rodrigues Marins que aborda essa ciência de maneira inédita no Brasil. Logo no prefácio o autor conta como descobriu essa ciência que, segundo ele, é sempre mal interpretada, vítima de infundados preconceitos. Sua função principal é dar ao paciente ou curioso uma noção clara do que é e do que não é a Homeopatia.

O fato do autor não ser médico, mas apenas estudioso do assunto, ao invés de incorrer em imprecisões, como alguns poderiam pensar, facilita em muito o entendimento do leitor, que tem à disposição um livro prático e bem humorado que abrange todos os aspectos essenciais, práticos e históricos, relativos a essa ciência. A leitura fácil e gostosa é uma espécie de história bem contada por um amigo que entende do que fala.

### HOMEOPATIA – O QUE É E O QUE NÃO É

faz parte da "Coleção Portas Abertas" da Companhia Editora Nacional. É um livro de apenas 88 páginas que surpreende pela clareza e simplicidade com que o tema é tratado.

Sandra Ventura

# Por que ficamos doentes?

G.W. Galvão Nogueira

A doença pode ser vista como uma reação do indivíduo a um determinado fator agressor. Assim o indivíduo como um todo, procura manter-se em equilíbrio consigo mesmo dentro de uma nova forma racional, o organismo alterado, que é então chamado “doente”. Mas também há a doença como forma intercorrente, alteração do estado de equilíbrio por uma causa “exterior” extemporânea, intercorrente, que leva a uma conduta orgânica estranha ao contexto normal de vida.

No primeiro caso tem-se a doença crônica, reacional, na realidade novo estado de “ser-estar”, uma nova opção de vida. No segundo caso, um desequilíbrio momentâneo e quase sempre com retorno rápido as condições anteriores do “estar”.

Nota-se, também, que não reagem, da mesma forma, indivíduos diferentes a mesmos fatores de agressão e nem sempre um mesmo indivíduo reage da mesma forma a esse mesmo fator, em momentos diferentes de sua vida. Daí concluir-se pela individualidade de resposta de acordo com os momentos da vida. Cada indivíduo terá possibilidades diferentes de respostas a uma determinada agressão, di-

ferente também no tempo. Essa individualidade é determinada não só no tipo de resposta (“doença”), como também na própria possibilidade de doenças; possibilidade de responder a uma determinada agressão. A um alimento deteriorado, por exemplo, alguns indivíduos respondem com diarreia (“doença”), outros com urticária (“doença”), e outros com náuseas etc., e ainda outros não sofrem qualquer alteração detectável. O mesmo poder-se-ia exemplificar com qualquer tipo de agressão física, biológica, química ou mental.

Mas se observa, que *sempre* o indivíduo dará a um determinado agente agressor uma resposta (ou não) de que ele *precisa* nesse seu momento da vida – momento biológico, mental e espiritual – como uma diarreia, eliminando uma toxina ou um desgosto. E também, a resposta que *pode*, que tem capacidade de dar, num determinado momento: só dará a resposta “diarreia” se tiver capacidade biológica de fazê-la naquele momento; capacidade essa genética, da hereditariedade (potência) neste momento e nesta circunstância. Daí poder-se dizer que *Faz a Doença*, quem pode e quem precisa, e não quem deseja (conscientemente).

# Percepção de harmonias

*Quando o homem se tornou consciente de si mesmo, percebeu que estava a mercê da Natureza, iniciando a partir dos últimos 30.000 anos (Período Paleolítico Superior) uma luta sem tréguas contra ela. Esta luta está mais do que nunca acirrada, no entanto, percebemos que ao invés de nos tornarmos senhores da Natureza, tornamo-nos escravos do artificialismo. Nesse texto, o prof. Lutzenberger mostra-nos que a única forma de nos tornarmos verdadeiramente humanos é a percepção das harmonias que o Universo encerra.*

O homem moderno, predominantemente urbano, nasce e se cria em ambiente artificial. Suas percepções e seus sentimentos são moldados por circunstâncias que em nada se assemelham àquelas que nos deram origem e em que evoluímos. Em nosso País, aquela outra parte da população, já minoria, o homem do campo, apesar de encontrar-se ainda mais perto da Natureza, com raras exceções, vive numa paisagem devastada, em franca desagregação, uma paisagem que é uma imensa chaga cancerosa onde toda cicatrização está proibida. Como pode uma criança cuja mente se forma em ambiente assim desnaturado, onde tudo que se estrutura só cresce às custas da destruição do mundo natural, como pode nestas condições, um ser humano em formação, desenvolver percepção significativa da Natureza. O homem moderno, e entre nós mais que em outras partes tornou-se incapaz de sentir profundamente o belo, não se incomoda com a feiura, com o lixo e a agressão na paisagem, falta-lhe a ânsia de alcançar harmonia em torno de si.

Não somente o ambiente em que vivemos nos predispõe à alienação diante do mundo vivo, toda nossa filosofia de vida, nos-

sa ética convencional, encontra-se em oposição fundamental às leis da Vida. Assim, confrontados com as mais preciosas formações florísticas, pensamos logo no fósforo para combater o "matagal"; diante da magnificência do pantanal só vemos como "enxugá-lo" para "recuperar" as terras; as mais fantásticas formações geológicas são simples minério para pedreiras ou saibreiras e o mais delicioso dos arroios de águas cristalinas não passa de fita de transporte gratuito para detritos; a majestade da onça é alvo para carabinas e manequim de pele.

A tarefa que agora enfrentamos é gigantesca e muito difícil. Talvez já seja impossível antes da queda de nossa cultura atual. Trata-se de inverter um esquema mental profundamente arraigado. Os próprios educadores, os pais, as igrejas, os governos e os meios de comunicação são parte do esquema obsoleto e, consciente ou inconscientemente, fazem o que podem para mantê-lo e promovê-lo.

Fundamentalmente, necessitamos **inverter a dessacralização da Natureza**. Nossa cultura atual alicerça-se num erro filosófico que



# A ciência da sobrevivência

Longe de ser uma especialização a mais, entre outras tantas, a Ecologia é uma generalização, ela é a visão global das coisas, é a visão sinfônica do Mundo, a visão do Universo como esquema racional integrado.

Nós humanos somos um aspecto parcial e momentâneo de um incrivelmente longo e paciente processo, da fantástica história evolutiva do Caudal da Vida que caracteriza nosso Planeta e o distingue dos demais planetas deste sistema solar.

A evolução orgânica é um **processo sinfônico**. As espécies, todas as espécies, e o Homem não é exceção, evoluíram e estão destinadas a continuar evoluindo conjuntamente e de maneira orquestrada. Nenhuma espécie tem sentido por si só, isoladamente. Todas as espécies, dominantes ou humildes, espetaculares ou apenas visíveis, quer nos sejam simpáticas ou as consideremos desprezíveis, quer se nos afigurem como úteis ou mesmo nocivas, todas são peças de uma grande **unidade funcional**. A Natureza não é um aglomerado arbitrário de fatos isolados, arbitrariamente alteráveis ou dispensáveis. **Tudo está relacionado com tudo**. Assim como numa sinfonia os instrumentos individuais só têm sentido como partes do todo e a grandiosidade do todo é função do perfeito e disciplinado comportamento de cada uma das partes, os seres vivos em seu fundo abiótico só podem ser compreen-

didados como partes integrantes da **maravilhosa sinfonia da evolução orgânica**, onde cada instrumento, por pequeno, fraco ou insignificante que possa parecer, é essencial e indispensável.

Num esquema de infinitas variações, ajustes e especialidades, plantas, animais, fungos, bactérias e vírus, em interação recíproca e com o fundo mineral, complementam-se mútua e multilateralmente. Biosfera, Atmosfera, Hidrosfera e Litosfera encontram-se integradas num grande **sistema homeostático**, isto é, um sistema equilibrado auto-regulado — a ECOSFERA.

Em seu entrosamento multicomplementar os seres vivos em conjunto, ou seja, a Biosfera, constituem-se no motor da Ecosfera. Este motor, movido pela energia solar através da fotossíntese dos vegetais, aciona os **ciclos bio-geo-químicos** que são o **sistema de suporte de vida da Nave Espacial Terra**. O Caudal da Vida está de tal maneira estruturado que ele constitui seu próprio sistema de suporte de vida. A sobrevivência de cada uma das partes depende do funcionamento harmônico da Ecosfera como um todo. Esta, por sua vez, só subsiste pelo entrosamento perfeito de todas as suas partes. A Vida começou na Terra há mais de três bilhões de anos atrás e conseguiu manter-se e aperfeiçoar-se continuamente porque, em seu todo, ela sempre funcionou como sistema integrado homeostático.

Como toda nave, a Nave Espacial Terra é **finita**. Seus recursos são limitados. Os ciclos bio-geo-químicos, entre os quais se destacam o ciclo do oxigênio, do gás carbônico e do nitrogênio, assim como o grande ciclo da água, veículo destes e de uma série de outros, são o fluxo, em **ciclo fechado** dos recursos materiais da Vida, de tal maneira que tudo é sempre reaproveitado — os detritos e os cadáveres de uns são a matéria-prima dos outros. Na Natureza intata não há poluição porque nada se perde, tudo circula perpetuamente.

Resumindo: os aspectos mais importantes a ter em mente para a compreensão da problemática ambiental são:

- 1) A Ecosfera é uma **unidade funcional** em que cada peça tem sua função específica, complementar de todas as demais. As espécies são no contexto da Ecosfera o que são os órgãos no organismo;
- 2) Temos, por isso, interesse na **preservação de todas as espécies** sem exceção;
- 3) A base da sobrevivência do sistema é o comportamento disciplinado em equilíbrio auto-regulado — a **homeostase**;
- 4) A **reciclagem perfeita** e perpétua de todos os materiais de que se serve a vida permite a continuação indefinida, através das eras geológicas, com os **recursos limitados**, do Planeta. A Ecologia, como ciência é a da Sinfonia da Vida.

remonta aos tempos Bíblicos. Enquanto que no idioma hindu não existe palavra para designar o que chamamos de “profano”, para o silvícola animista tudo é sagrado e para o budista Deus e Natureza são a mesma coisa, nós, na Cultura Ocidental, fazemos questão de excluir de nossa ética tudo o que não se relaciona com o Homem. Quando somos ainda crentes cristãos, judeus ou muçulmanos e acreditamos num deus pessoal, nossa ética se cinde às relações Deus/Homem e homem/homem, se somos ateus ou comunistas, sobra apenas o segundo destes relacionamentos. Em nossa ética e na nossa jurisdição não há lugar para a relação Homem/Natureza. A Natureza como um todo e cada um dos seres que ela contém, são para nós simples objetos, recursos, matéria-prima, palco para nossas obras, mas ela não participa de nossa moral, nenhum remorso sentimos quando destruimos a mais magnífica e irrecuperável de suas obras!

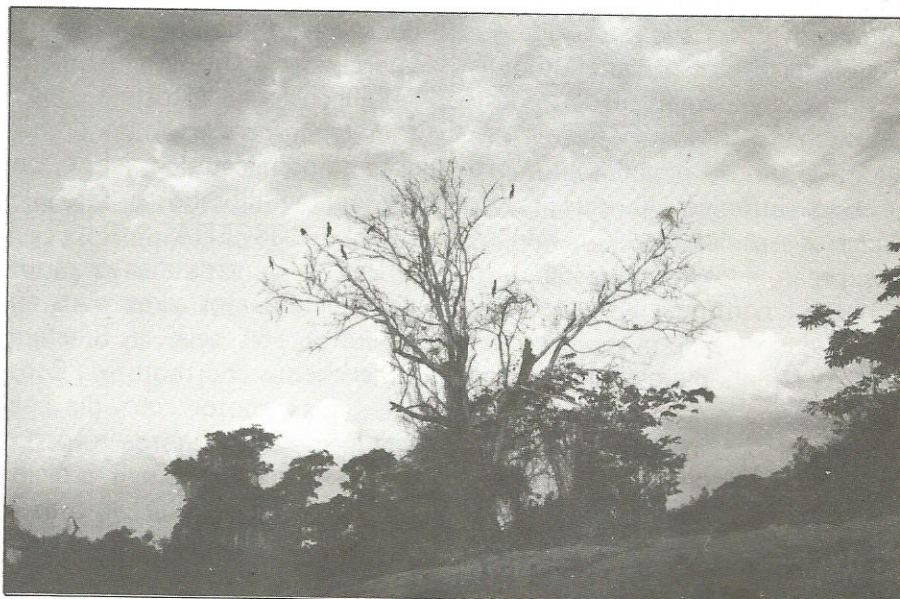
O esquema educacional, em todas as suas facetas, terá que se esforçar por conseguir uma revolução filosófica que consistirá na entronização do princípio ético fundamental enunciado por Albert Schweitzer: O PRINCÍPIO DA REVERÊNCIA PELA VIDA, em todas as suas formas e em todas as suas manifestações. Daí decorerá todo um sistema de valores diametralmente oposto ao atual. A nova ética será inclusiva, ela abarcará o Caudal da Vida em sua plenitude. A filosofia será de **visão unitária do Universo**. Em terminologia mais técnica — o Universo como grande sistema racional, e todas as suas partes co-

mo subsistemas integrados, em complementaridade perfeita uns com os outros. Os limites entre estes subsistemas serão então arbitrários e abstratos, dependendo apenas de nossa maneira de catalogação, porque, basicamente, a grande Unidade Funcional é uma só, individual.

Hoje são raros, muito raros, os indivíduos com esta visão. Eles terão que se tornar multidão. Esta visão terá que chegar aos postos de comando enquanto o barco ainda obedece o timão. . .

quatro bilhões de anos de evolução e seleção produzido esta orquestra de mais de dois milhões de espécies. Uma só teria sobrado, “melhor”. Mas sabemos que isto é impossível. O peixe não é melhor que o mexilhão, a figueira melhor que a palmeira, pois tudo se complementa, as diferenças são a alma da complementação. Nosso futuro pois está na **Cultura Ecológica, no Patriotismo Ecológico**.

As igrejas e todas as organizações religiosas poderão facilmente



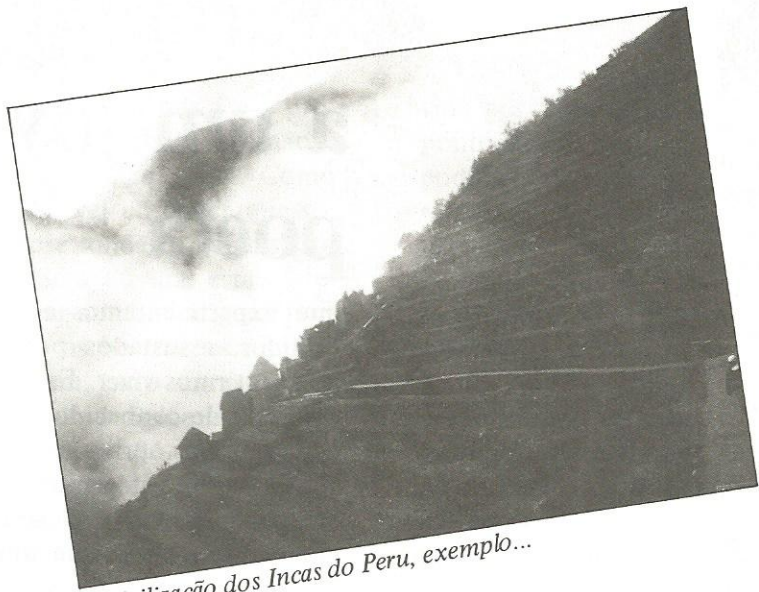
A visão sinfônica do Universo produz atitudes opostas às que caracterizam a Sociedade Industrial. Incutimos em nossos filhos, desde a mais tenra idade, o “instinto” de posse e de concorrência. Mais vale quem mais tem, mais coisa movimenta, mais gente comanda. Nunca nos perguntamos — para quê? A visão sinfônica exclui o dimínio, ela conduz à cooperação, à harmonia. Na visão competitiva o “melhor” dominará, mas, se a Natureza assim fosse, ela não teria, após quase

te reconquistar a relevância perdida se conseguirem conscientizar-se desta necessidade. O problema do mundo atual, sendo um problema ético, ninguém mais indicado e obrigado a atacá-lo que as entidades cuja tarefa é zelar pela ética do Homem.

A nova ênfase da educação será não mais na direção do especialista estreito, reduccionista e ignorante fora de sua especialização e sem preocupação ética, mas na direção da cultura geral, sólida, do horizonte científico

amplo e no sentido de responsabilidade difusa e inclusiva como base para toda atividade humana.

É essencial que desapareça o analfabetismo biológico, tão comum e tão pernicioso entre tecnocratas e burocratas. Mas o ensino da Biologia não poderá limitar-se a simples somatório de fatos específicos e listas de nomes latinos, deverá dar perspectiva no espaço, no tempo e na forma. Mais fantástica que a mais incrível ciência ficção, a ciência moderna nos apresenta uma fabulosa e extasiante imagem da História da Vida. Desde suas mais humildes e remotas origens naquele caldo primordial de há 3 ou 4 bilhões de anos atrás, quando se formaram as primeiras moléculas orgânicas complexas, capazes de auto-replicação e sujeitas à seleção natural, através dos seres unicelulares cada vez mais complexos e depois pluricelulares, sempre mais diversificados, a invenção da fotossíntese que inverteu nossa atmosfera de reduzinte para oxidante, possibilitando mais tarde a vida animal e, portanto, a nossa, o desdobramento da Vida, pela infinidade de formas que criou para ocupar a quase totalidade dos ambientes que a Terra apresentava e apresenta, ajustando e moldando-os, por sua vez, às necessidades da Vida, em interação com a evolução geológica, com os movimentos tectônicos e eruptivos, a deriva dos continentes, a hidrologia, meteorologia e sedimentação, modelou e adaptou este Planeta, transformando-o nesta maravilhosa jóia que é. O progressivo esclarecimento desta história constitui a mais nobre e fascinante aventura do Espírito Humano e, por si só, justifica a aventura evolutiva neste rincão do Univer-



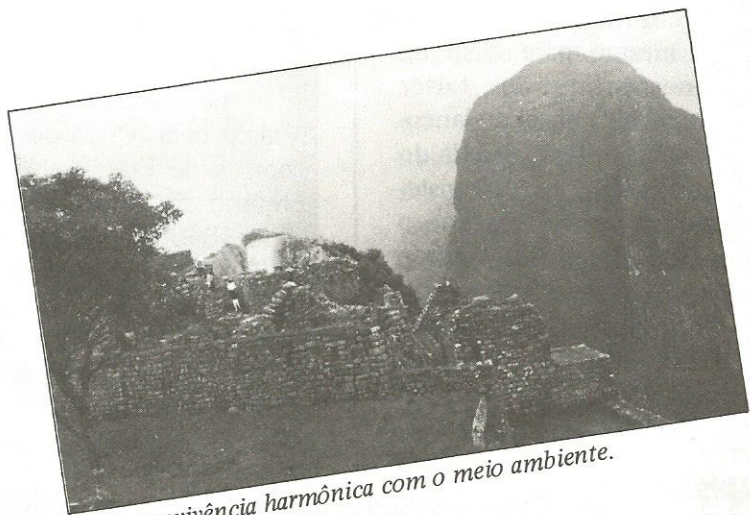
*A civilização dos Incas do Peru, exemplo...*

so, pois nesta contemplação o Grande Processo se compreende a si mesmo.

Quem esta história não conhece, dificilmente verificará o alcance da dilapidação do processo vital pelo homem moderno, nunca poderá avaliar o imoral de nosso atual comportamento. A Natureza é incrivelmente bela e significativa, mas, assim como a música clássica só fascina quem aprendeu a senti-la, sendo facilmente incompreendida e mesmo desprezada por quem não fez o necessário esforço, só quem sabe perceber harmonias, sejam elas naturais ou artificiais, terá diante da Natureza a atitude de compreensão, respeito e reverência,

sem a qual não haverá sobrevivência.

Como podem tantas pessoas que se dizem cultas desconhecer a grande perspectiva? Na fase atual da Sinfonia da Evolução Orgânica esta perspectiva é essencial, porque, se o Homem, em quem a Natureza tão tremendo poder depositou, o poder de tomar em suas mãos a direção da continuação da evolução na Terra, ou de liquidá-la (!), se o Homem não se conscientizar em tempo de sua igualmente tremenda responsabilidade, a grande sinfonia entrará em colapso. A decisão está com a espécie à qual nos orgulhamos pertencer. Justifiquemos este orgulho!



*... de convivência harmônica com o meio ambiente.*

# Carta a um jovem poeta

*Borgeby Gard, Fladie, Suécia  
12 de agosto de 1904.*

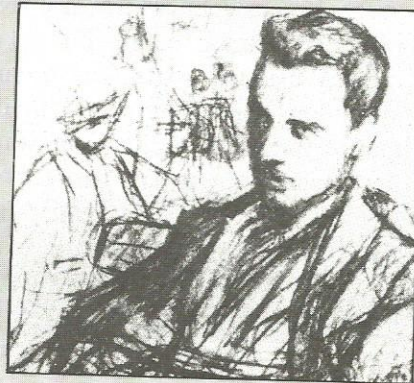
Venho outra vez palestrar consigo, meu prezado senhor Kappus, se bem que pouco tenha a dizer-lhe que possa ajudá-lo ou ser-lhe útil. Diz-me que múltiplas e enormes tristezas cruzaram o seu caminho e que a passagem dessas tristezas bastou para o abalar. Peço-lhe que se interrogue e que veja se essas enormes tristezas não atravessaram as regiões mais profundas de si mesmo, se não modificaram muitas coisas em si, se nenhum ponto do seu ser se transformou ao contacto. Apenas são cruéis e perigosas as tristezas que passeamos na multidão para que esta lhes dê remédio e que se parecem a essas moléstias, negligentemente tratadas, que somem num momento para retornar em seguida, mais perigosas do que nunca. Estas acumulam-se em nós e também são vida que não foi vivida, vida desprezada e como que abandonada, mas que nem por isso deixa às vezes de ser fatal. Se a nossa vista alcançasse para além dos limites do conhecimento, e mesmo para além do halo das nossas intuições, talvez acolhêssemos as nossas melancolias com mais confiança ainda do que as nossas alegrias. As tristezas são auras novas em que o desconhecido nos visita. A alma, assustada e temerosa, cala-se, tudo se afasta, faz-se uma grande tranquilidade e o incognoscível surge em silêncio.

Quase todas as nossas tristezas, são, acredito, estados de tensão

que experimentamos como que tolhidos, assustados por já não nos sentirmos viver. Estamos sós com esse desconhecido que penetrou em nós, privados de tudo aquilo a que estávamos habituados a confiar-nos. Pelejamoss como se lutássemos com uma corrente de que tivéssemos de suportar as ondas. A tristeza é também uma onda. O desconhecido uniu-se a nós, penetrou no âmago do nosso coração, e já nem sequer está no nosso coração, pois se mesclou com o nosso sangue e assim ignoramos o que se passou. Seria fácil fazerem-nos crer que

não se passou nada. E, todavia, eis-nos transformados como um casa pela presença de um hóspede. Não podemos dizer que chegou, não o saberemos talvez nunca, mas muitos sinais nos indicam que foi o futuro que, deste modo, entrou em nós para se transformar na nossa substância muito antes de tomar forma. E porque a solidão e o recolhimento são tão importantes quando estamos melancólicos. Esse instante aparentemente oculto, esse instante de tensão em que o futuro nos penetra, está infinitamente mais perto da existência do

REINER MARIA RILKE



Nasceu em Praga em 1875 e morreu em 1926. Por sua frágil constituição, deixa a carreira militar dedicando-se à literatura. Viajou pela África do Norte, Europa, e na França, tornou-se secretário do escultor Auguste Rodin (1840-1917), por quem seria profundamente influenciado em seu estilo, ganhando um rigor quase ascético. Além de duas monografias sobre Rodin, Rilke escreveu "A canção de amor e de morte do porta-estan-

darte Cristóvão Rilke", "Elegias de Duíno", e suas célebres "Cartas a um jovem poeta", escritas entre 1903 e 1908, ao jovem F.X. Kappus. Nestas cartas, Rilke expõe com grande intensidade sua vivência interior, cheia de dor, sofrimento, solidão, numa postura profundamente filosófica, retratando com simplicidade e objetividade a busca do autoconhecimento, toda ansiedade daquele que se submete a si mesmo, exaltando a necessidade da doença como fator regularizador de nosso ser quando em luta com o mistério, com o vir-a-ser, com o renascer.

"Ninguém pode aconselhar ou ajudar — afirma Rilke — ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo; ... examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma... Aproxime-se então da natureza".



que aquele outro instante em que se nos impõe do exterior, em pleno tumulto e como que por acaso. Quanto mais silenciosos, pacientes e recolhidos formos nas nossas melancolias, de forma mais eficaz o desconhecido penetrará em nós. O desconhecido é o nosso bem. Metamorfoseia-se na carne do nosso destino, ligando-nos a este quando foge de nós para se realizar, isto é, para se projetar no cosmo. E é preciso que assim seja. É preciso — e é nisto que consiste a nossa evolução — que jamais encontremos nada que não nos pertença há já muito tempo. A ciência já teve muitas vezes de modificar as suas concepções sobre o movimento; assim nós teremos de aprender, pouco a pouco, que aquilo a que denominamos destino não vem de fora mas sim de nós próprios. Por não terem absorvido o seu destino quando este exclusivamente lhes pertencia, e por se não terem transformado ao seu contacto, é que tantos homens o não reconhecem no instante em que lhes foge para se realizar. O destino parece-lhes então tão singular que, na sua perturbação, crêem que lhes aparece pela primeira vez a ponto de serem capazes de jurar que jamais até então encontraram em si nada de igual. Assim como nos enganamos muito tempo sobre a marcha do sol, assim nos iludimos ainda sobre a marcha do futuro. O futuro é fixo, meu prezado senhor Kappus, nós é que estamos sempre em movimento no espaço ilimitado.

Como poderia a nossa condição não ser difícil?

E para regressarmos à solidão, torna-se-nos cada vez mais patente que a solidão não é uma coisa que possamos aceitar ou recusar ao nosso talante. Podemos é in-

dubitável, enganar-nos a nós próprios e fazer de conta que não é assim. Porém, nada mais. Como seria preferível entender que somos sempre solidão e partir desta verdade! Sem dúvida, esta certeza provocar-nos-ia vertigens porque todos os horizontes familiares sumiriam, tudo nos pareceria longínquo e o longínquo recuaria até o infinito. Só um homem que, bruscamente e sem ser avisado, fosse transportado do seu quarto para o alto de uma montanha, sentiria qualquer coisa de parecido: uma insegurança sem par, um abalo tal, oriundo de uma força desconhecida, que seria quase capaz de o destruir. Se imaginasse então que ia ser lançado no espaço, ou que ia tombar ou partir-se em mil pedaços, que monstruosa mentira o seu cérebro não teria de inventar para poder recuperar os sentidos e colocá-los em ordem! Assim, para esse que já é apenas solidão, todas as distâncias, todas as dimensões se transformam. Muitas destas mudanças são bruscas. Como sucede com o tal homem no alto da montanha, nascem nele imagens extraordinárias, sentimentos bizarros que parecem desafiar a sua resistência. Mas é preciso viver isto também. Devemos aceitar a nossa vida tão completamente quanto possível. Tudo, mesmo o inconcebível, deve tornar-se possível. No fundo, a única valentia que nos é pedida é a de fazermos face ao singular, ao maravilhoso, ao extraordinário que se nos deparar. Custou bem caro à vida que os homens, neste ponto, tivessem sido débeis.

Essa vida que chamam imaginária, esse cosmo que pretendem sobrenatural, a morte, todas estas coisas nos são, no fundo, consubstanciais, mais, foram expelidas da

vida por uma defesa diária, a tal ponto que os sentidos que teriam podido apreendê-las se atrofiaram. O medo do sobrenatural não empobreceu somente a existência do indivíduo, mas ainda as relações de homem para homem, subtraindo-as ao rio das possibilidades infinitas para as colocar a salvo, em qualquer ponto seguro das margens. Não é só devido à indolência que estas relações são indizivelmente monótonas e se reproduzem sem alternativas: é também porque o homem teme as novidades que não sente à altura de enfrentar e cujo epílogo é imprevisível. Só aquele que espera tudo, que não exclui nada, nem mesmo o mistério, viverá, como fazendo parte da vida, as relações de homem para homem, indo ao mesmo tempo até à fronteira da sua própria vida. Se concebermos a vida do indivíduo como um quarto maior ou menor, torna-se evidente que quase todos aprendem apenas a conhecer um canto desse quarto, aquele local em frente da janela, aquele raio em que se movem e onde encontram uma relativa segurança. Quanto mais humana não é, porém, aquela insegurança, cheia de perigos, que leva os prisioneiros, nas histórias de Poe, a explorar com os dedos as suas horríveis masmorras, a tudo conhecer dos terrores indescritíveis que resultam dessa curiosidade! Mas nós não somos prisioneiros. Nenhum alçapão, nenhuma armadilha nos ameaça. Não temos nada a recear. Fomos colocados na vida por ser a vida o elemento que mais convém. Uma adaptação milenária faz com que nos pareçamos com o cosmo, a tal ponto que, se permanecêssemos calmos, mal nos distinguiríamos, por um feliz mimetismo, do que nos cer-

ca. Não temos nenhuma razão de desconfiar do universo, porque este não nos é contrário. Se existem terrores, esses terrores são os nossos; se há abismos, são os nossos abismos; se há perigos, devemos esforçar-nos por amá-los. Se construirmos a nossa existência sobre o lema de que devemos sempre dar preferência ao mais difícil, tudo o que ainda hoje nos parece singular se tornará familiar e fiel. Como olvidar esses mitos antigos que se encontram no início da história de todos os povos, os mitos dos dragões que, no momento supremo, se transformam em princesas? Todos os dragões da nossa existência são talvez princesas que esperam ver-nos, um dia, belos e audazes. Todas as coisas assustadoras não são mais, talvez, do que coisas indefesas que esperam que as socorramos.

Por isso, meu prezado senhor Kappus, não se deve assustar quando uma tristeza surgir em si, mesmo que se trate de uma tristeza maior do que todas que já experimentou. Quando uma inquietação passa, à semelhança de uma sombra, ou de uma luz enevoadada, sobre as suas mãos e os seus gestos, deve pensar que qualquer coisa se está concretizando em si, que a vida não o esqueceu, que o tem nas suas mãos e não o abandonará. Por que motivo quer excluir, da sua vida, dores, inquietações e melancolias, cuja influência na sua vida desconhece? Por que razão há-de torturar-se a si próprio com estas perguntas: por quê? para quê? Bem sabe que é, como todas as criaturas, apenas evolução, e que nada deseja tanto como transformar-se. Se certos estados do seu espírito lhe parecerem mórbidos, esteja certo de que a moléstia é para o

organismo um meio de expulsar o que lhe é adverso. É preciso, pois, ajudar a doença a seguir o seu curso. Para o corpo, é o único meio de se defender e de se desenvolver. Passam-se tantas coisas dentro de si neste instante! Tenha a paciência de um enfermo e a confiança de quem entra em convalescença, pois talvez seja doente e convalescente. Mais ainda: talvez seja também o seu próprio facultativo, o médico a que deve confiar-se. Mas em todas as moléstias há dias em que o médico apenas pode esperar. E é

sobretudo o que deve fazer neste momento: aguardar.

Não se observe muito. Evite tirar conclusões sumárias do que se passa em si. Abandone-se e não raciocine. Caso contrário, seria levado a censurar o seu próprio passado (sob o ângulo moral, entende-se. . .), porque o passado é em parte responsável do que hoje lhe acontece. Dos erros da sua meninice e das aspirações dos desejos dessa meninice, a parte que ainda hoje atua em si é muito diferente da imagem que dela guarda e que condena. Um



meninice solitária e abandonada e tão difícil de viver, está à mercê de tantas influências e ao mesmo tempo tão alheia ao comércio normal da vida, que é preciso não nos apressarmos a denominar vício àquilo em que algo de vicioso se introduz. De modo geral, o emprego dos vocábulos exige grande prudência e, diversas vezes, é só a palavra "vício" que destrói uma existência e não a coisa em si, que não tem nome, que pode responder a uma necessidade e encontrar facilmente lugar na vida. O seu dispêndio de energias parece-lhe excessivo somente porque atribui um valor

excessivo à vitória. A "coisa autenticamente grande" que fez não cabe nessa vitória, ainda que seja justo o sentimento que tem de uma vitória. A "coisa verdadeiramente grande" foi ter conseguido substituir uma mentira por sinceridade e verdade. Se assim não fosse, a sua vitória seria apenas a corrigenda, sem objetivo, de uma atitude moral defeituosa, quando é certo que corresponde a uma fase da sua existência, essa existência pela qual faço tantos votos. Pense como o seu espírito de menino invejava o círculo das "pessoas crescidas". Vejo agora que esse círculo já não lhe basta

e que aspira a mais alto. Eis porque a sua existência será sempre difícil, eis porque não cessará nunca de dilatar-se.

Se me permite, dir-lhe-ei ainda uma coisa: não acredite que sob estas palavras simples e tranqüilas, que às vezes o acalmam, aquele que se esforça por reconfortá-lo viva sem empecilhos. A sua existência não está isenta de penas e de tristezas que o deixam muito aquém delas. Mas, se assim não fosse, nunca teria podido achar estas palavras o seu

*Rainer Maria Rilke*



# O Alquimista

O ALQUIMISTA FARMÁCIA HOMÉOPÁTICA LTDA.  
R. Turiassu, 933 — Tel: 263-1445 — CEP 05005

**MANIPULAÇÃO EXCLUSIVAMENTE HANEMANIANNA, NAS  
ESCALAS DECIMAL, CENTESIMAL E CINQUENTA MILESIMAL**

**ALTAS POTÊNCIAS DA MELHOR QUALIDADE  
E AS DINAMIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS.**

**TEMOS AINDA COMPLETA LINHA DE COSMÉTICOS,  
PRODUTOS DIETÉTICOS, CHÁS, MEL,  
UMA SEÇÃO ESPECIAL DE LIVROS, ALÉM DA ORIENTAÇÃO  
TÉCNICA CIENTÍFICA FEITA POR PROFISSIONAL HABILITADO  
PARA A NECESSÁRIA ORIENTAÇÃO A SEU PACIENTE.**

# Febre e convulsão

O recrudescimento das doenças infecciosas no Brasil é uma realidade preocupante para os médicos em geral e a febre, na maioria das vezes decorrente deste estado, é mal compreendida pelos médicos, como também por aqueles que necessitam de seus cuidados. Pelos primeiros, porque, na tentativa de curá-la, utilizam-se de antitérmicos prejudiciais à saúde. Pelos pacientes, porque são vítimas do tradicional — e errôneo — conceito de que a febre é uma manifestação maléfica do organismo, sendo necessário combatê-la a qualquer preço.

Um estudo mais profundo demonstra que ambas as posturas estão equivocadas. Através desses estudos compreende-se que a febre é uma das principais defesas do organismo, na verdade, uma proteção contra um agente desencadeante, uma perturbação psicológica ou física. Por isto, a utilização de antitérmicos, banhos frios ou outras terapias na tentativa de eliminar a febre são desaconselháveis, porque deixam o organismo desprotegido.

## **Reação dos mecanismos defensivos do organismo: Febre**

Nosso organismo como um todo é mantido em harmoniosa

atividade vital pela lei básica de conservação, que se estabelece através dos mecanismos de autorregulação. Quando este organismo se vê agredido por um agente desencadeante qualquer, surgem nele reações, que trazem um caráter eminentemente individual. Quando o fator desencadeante é um agente infeccioso produzindo uma interação agente-hospedeiro-meio, que se instala no hospedeiro dado o desequilíbrio da energia vital deste, a reação dos mecanismos defensivos do organismo se traduz por três fenômenos básicos: 1) febre; 2) alterações funcionais e da estrutura dos órgãos, variáveis de um caso a outro e 3) formação dos anticorpos.

Analisemos o fenômeno febre. A febre consiste num aumento da temperatura de nosso corpo pela alteração funcional do centro termo-regulador do hipotálamo (pequena região anatômica da base do cérebro). Cada animal tem uma temperatura corporal que lhe é própria, sendo constante nos mamíferos, entre os quais está o Homem, qualquer que seja a temperatura ambiental. Para que essa temperatura se mantenha são necessárias três condições: a) produção contínua de calor (termogênese), através da queima da glicose (açúcar),

ácidos graxos e aminoácidos (metabolismo); b) possibilidade de eliminação do calor não necessário ao organismo e c) mecanismos reguladores das duas condições anteriores.

É através dos estímulos emanados do hipotálamo que a regulação da produção contínua de calor se faz; qualquer condição que altere os mecanismos reguladores da termogênese determina redução ou aumento da temperatura corporal, resultando respectivamente a hipotermia e a hipertermia. A hipotermia é o estabelecimento de uma temperatura corporal abaixo do valor considerado normal, isto é, 36,5 medido na axila. A hipertermia pode ser febril e não febril. A não febril consiste apenas em elevação da temperatura corporal sem outras alterações, de modo que o indivíduo não sente suas manifestações, como acontece por exemplo na insolação, que pode naturalmente servir de fator desencadeante para uma série de sintomas mórbidos posteriores dependendo do momento vital do indivíduo.

A febre ou hipertermia febril (pirexia) é um complexo conjunto de alterações funcionais no qual toma parte o sistema nervoso, diversos aparelhos e modificações do metabolismo. Nas molés-

tias infecciosas a febre pode se manifestar basicamente em três períodos: a) período inicial ou estado do calafrio; b) período do calor e c) período da sudorese (transpiração).

a) o período inicial pode apresentar-se de vários modos, sempre com um caráter absolutamente individual: em certos casos a temperatura sobe bruscamente e rapidamente; em outros casos,

essas ascensão é lenta atingindo o máximo em alguns dias. O início pode ser assinalado por arrepios de frio ou calafrios, que são tanto mais intensos quanto mais rápida foi a subida da temperatura.

b) o período de calor caracteriza-se pelo ponto mais alto atingido pela temperatura; este período pode ser contínuo durante todo o dia ou vários dias e pode variar no mesmo dia ou em dias

sucessivos, resultando os diversos tipos de febre.

c) o período de sudorese constitui a queda da temperatura, que se sucede ao período do calor, resolvendo-se em algumas horas ou lentamente durante alguns dias. Este período representa o esforço do mecanismo termorregulador a reconduzir a temperatura corporal ao normal pois a evaporação do suor baixa a tem-

### O QUE É IMUNIDADE?

A Imunidade (do latim, *immunitas* = guarda, proteção) consiste nos mecanismos celulares e humorais desenvolvidos pelo organismo do ser vivo a fim de defendê-lo contra a ação dos agentes mórbidos, isto é, dos mais diversos e variados fatores desencadeantes que produzem perturbações "na existência instintiva do princípio vital espiritual dentro do organismo, torturando-o como um espírito mau e compelindo-o a produzir certos sofrimentos e desarranjos no seu curso vital normal, que são conhecidos como sintomas (doença)", como afirma Hahnemann. Em suma, representa o conjunto dos mecanismos defensivos do organismo contra os agentes mórbidos, materiais ou imateriais.

A vida nada mais é do que um conjunto de funções destinadas a manter um equilíbrio constantemente ameaçado, de modo que a integridade da estrutura e das funções do organismo como um todo é mantida à custa de complexas combinações de mecanismos de adaptação, compensação, correção, de resistência e de defesa, que fazem parte da homeostasia; por conseguinte, a

adaptação do organismo a qualquer modificação do ambiente em que ele vive é, em última análise, uma manifestação de imunidade.

Todo indivíduo é dotado geneticamente de mecanismos defensivos contra a ação dos diversos agentes desencadeantes que se encontram no ambiente no qual ele vive e todos os sintomas por ele apresentados em consequência da ação desses agentes representam a exteriorização desses mecanismos defensivos. Portanto, qualquer sintoma ou conjunto de sintomas que caracterizam as doenças não constituem um mecanismo novo aparecido no indivíduo, mas apenas a exaltação ou inibição daqueles já nele existentes, em um determinado momento da sua vida, pela ação conjugada de uma indefinidade de fatores externos e internos (momentos patogênicos).

Quando a imunidade não se efetiva, produzem-se no indivíduo manifestações variáveis de um caso a outro, indicando modificação ou alteração da reação do organismo. A esta reação modificada ou alterada denomina-se **alergia** (do grego, *allos* =

outra + *ergon* = força). Este conceito foi introduzido em 1905 pelo médico vienense Clemens von Pirquet. Este fenômeno, no entanto, já havia sido observado há muito tempo, sendo enunciado de maneira proverbial pelo poeta e filósofo romano Lucrécio, que, em I a.C., afirmou: "a carne que alimenta um homem, pode envenenar outro". Isto quer dizer que todo e qualquer agente externo, material ou imaterial, pode provocar uma série de sintomas que se expressarão no indivíduo respeitando sua constituição, seu terreno hereditário.

A diferença básica entre imunidade e alergia está no nível dos sintomas. Na primeira o indivíduo não toma conhecimento (subjetivo) das reações que se processam dentro de si; já, na segunda, o que se apresenta são manifestações sensíveis, uma quantidade de sintomas marcantes, detectáveis subjetivamente. Por conseguinte, imunidade e alergia são dois fenômenos opostos e portanto complementares: quando a alergia predomina, a imunidade é baixa e inversamente quando a alergia é baixa predomina a imunidade.

peratura.

Geralmente, após ter-se normalizado a temperatura e o doente estar em franca convalescência há uma nova ascensão da temperatura, que dura um dia ou no máximo dois, que é conhecido pelo nome de *febre póstuma*, porque se manifesta depois que “morreu” a moléstia. *Este pico de febre é de grande importância para o organismo porque corresponde à instalação da imunidade.*

Segundo o grande patologista Prof. Dr. Walter Edgard Maffei afirma em seu “Os Fundamentos da Medicina”, — “Muito se tem discutido sobre este assunto, de modo que, segundo uns, a febre representaria o esforço do organismo em criar condições impróprias ao agente e, portanto, um elemento útil no combate à infecção; segundo outros pelo contrário, a febre seria um sintoma prejudicial ao organismo, citando as diversas alterações que ela pode determinar e os perigos dela decorrentes, preconizando para isso os medicamentos antipiréticos (anti-térmicos), atribuindo-lhes um efeito benéfico nos doentes e desaparecimento dos sintomas mais perigosos. *Entretanto, a observação dos fatos da clínica diária e as estatísticas sobre a mortalidade das moléstias infecciosas tratadas com e sem antipiréticos não mostraram qualquer diferença significativa em favor do tratamento com os antipiréticos*”.

A observação imparcial, científica, mostra que nos indivíduos desnutridos, alcoolistas, as moléstias infecciosas evoluem sem febre e até com hipotermia e, por isso, são sempre fatais; são também graves as moléstias que, em certos indivíduos, evoluem com febre baixa quando habitualmen-

te deveriam ter febre elevada demonstrando a precariedade dos seus mecanismos defensivos. Por isso mesmo, diversas moléstias são tratadas, na medicina alopática, provocando-se febre artificial pela injeção de substâncias dotadas dessa propriedade.

#### “Convulsão febril”

Do mesmo modo, se o indivíduo tiver um terreno epilético

heterozigoto a infecção poderá ser a causa desencadeante das crises convulsivas, sempre absolutamente benéficas, fato este mais comum em crianças e *erroneamente rotuladas de “convulsões febris”*.

A convulsão, como a febre, é uma reação do organismo na tentativa do reequilíbrio, e como deve ser respeitada. Geralmente, o quadro que se forma durante a convulsão costuma provocar re-

#### ALGUNS CONSELHOS DE HAHNEMANN . . .

(\*\*) Café, chá da Índia e de outras ervas, cerveja preparada com substâncias vegetais medicinais inadequadas ao estado do paciente; os chamados licores finos feitos com aromáticos medicinais; ponches de quaisquer espécies; chocolate aromático; águas aromáticas e perfumes de diversas espécies, flores muito perfumadas no quarto; pós e essências dentais e *sachets* perfumados, pratos e molhos altamente condimentados, bolos e gelados condimentados; vegetais medicinais crus em sopas; pratos de ervas, raízes e talos de plantas que possuem propriedades medicinais, aspargos longos e pontas verdes, lúpulo; aipo, cebola; queijos velhos e carnes em estado de decomposição (como carne e gordura de porco, pato ou ganso, ou vitela muito nova ou carnes azedas), devem certamente ser negados aos pacientes, pois estes devem evitar quaisquer excessos na alimentação, no uso de açúcar e sal, bem como bebidas espirituosas não diluídas em água, quartos quentes, roupas de lã diretamen-

te sobre a pele, vida sedentária em recintos fechados, ou abuso de exercícios passivos (como equitação, dirigir carruagens, exercitar-se em balanços), amamentação prolongada, sestadas prolongadas deitado (na cama), ficar acordado até tarde da noite, falta de limpeza, práticas anormais, excitação causada pela leitura de livros obscenos, ler deitado, onanismo ou relações sexuais imperfeitas ou suprimidas de modo a evitar concepção, ataques de ira, pesar ou mortificações, paixão pelos jogos, esforço demasiado da mente ou do corpo, especialmente após as refeições, morar em lugares pantanosos, quartos úmidos, levar vida de penúria, etc. . . Todas estas coisas devem, tanto quanto possível, ser evitadas ou removidas, a fim de que não se impeça ou impossibilite a cura.

Alguns de meus discípulos parecem aumentar, sem necessidade, as dificuldades da dieta dos pacientes proibindo-lhes o uso de muitas outras coisas toleravelmente indiferentes, o que não é recomendável.

ceio nas pessoas, por isso manter a calma é a primeira medida que se deve tomar para melhor auxiliar as pessoas que a têm. Basta que tomemos os seguintes cuidados: virar o paciente de lado ou colocá-lo de bruços; verificar se não existe nada lhe apertando; tomar cuidado com a cabeça quando ele estiver se debatendo e, posteriormente, procurar um

médico.

A febre em si, portanto, apresenta um complexo de alterações do organismo no sentido de desencadear o processo de cura, sendo que a atenção deve estar voltada para a totalidade dos sintomas mentais, locais e gerais do indivíduo, sendo que o abaixamento puro e simples da temperatura deve ser uma consequên-

cia necessária e suficiente do retorno do organismo como um todo à harmonia vital. Logo, a intervenção intempestiva nesse processo, isto é, a supressão da febre através de anti-térmicos, representa uma agressão, às vezes fatal, aos nossos mecanismos defensivos em sua luta pela preservação da vida, tal qual o Velho Criador o determinou.

# VITAE

## Homeopatia

FARMÁCIA E LABORATORIO

- MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS
- DINAMIZAÇÕES HAHNEMANNIANAS
- PRODUTOS E COSMÉTICOS NATURAIS
- EXTRATOS E ERVAS MEDICINAIS

R. Humaitá, 296 - Fone 22-9047 - S.J. Campos  
R. Sebastião Humel, 123 - Fone 21-9501 - S.J. Campos  
R. Antonio Affonso, 187-A - Fone 51-7402 - Jacareí  
R. Marquês do Herval, 442 - Fone 33-1866 - Taubaté  
R. São Francisco, 27 - Fone 22-2808 - Guaratinguetá  
R. Coronel Fernando Prestes, 126 - Pindamonhangaba

### X ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES INTERESSADOS EM HOMEOPATIA – X ENEIH

Realizou-se de 17 a 23 de julho passado, na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo, o X Encontro Nacional de Estudantes Interessados em Homeopatia – ENEIH, com a participação ativa de estudantes e profissionais oriundos de vários Estados do país.

Mais uma vez a Comissão Organizadora do Encontro deve ser parabenizada. Os temas desenvolvidos foram da maior importância para a Homeopatia. A ênfase dada à filosofia vitalista e à doutrina foram dignas de nota.

Esperamos que os encontros futuros não sejam esvaziados ou desviados desta firme postura hahnemanniana, e que os estudantes de todo o Brasil permaneçam interessados em debater e divulgar a verdadeira Homeopatia, para que ela realmente se estabeleça como o bálsamo consolador de toda a humanidade futura.

### CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HOMEOPATIA

O Curso de Especialização em Homeopatia, organizado pelo Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure” e patrocinado pelo Centro Médico Homeopático de São Paulo “David Castro”, constará de atividades teóricas (Curso Básico de Homeopatia) e práticas (Estágio Prático).

O Curso Básico de Homeopatia realizar-se-á a partir de janeiro de 1987 endereçado a Médicos e Profissionais de áreas afins, sendo um pré-requisito para a participação no Estágio Prático.

Vagas limitadas. Informações a partir de dezembro de 1986 pelo telefone 62-5232, ou pessoalmente no Centro Médico Homeopático, rua Tucuna, 994, Pompeia.

**Participe de SIMILIA. Envie artigos assinados ou não, colaborações sobre temas importantes, crítica, dúvidas, assinatura, números atrasados. Comunique-se. Tel. 290-5318, rua Conselheiro Saraiva, 388, Santana. O Espaço está aberto.**



### XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA

Transcorreu de 18 a 21 de junho último passado mais um importante encontro de homeopatas do Brasil e do exterior no XVIII Congresso Brasileiro de Homeopatia, realizado em São Paulo, sob a presidência do Dr. Alfredo Castro, atual Presidente da Associação Paulista de Homeopatia – APH.

O Congresso serviu de palco para uma das mais importantes comemorações da homeopatia brasileira: os 50 anos da APH. Foi sobre esse tema que o Dr. Artur de Almeida Rezende Filho, Presidente de Honra do Congresso, discorreu em seu discurso de abertura, a quem Similia presta sincera homenagem por seus trabalhos importantíssimos na divulgação e aperfeiçoamento da Homeopatia no Brasil.

Sob o lema “Propomos... Expomos... Mas não Impomos”, o Congresso seguiu tranqüilo com os temas se sucedendo sem maiores polêmicas, o que lamentamos sob certo aspecto pois, temas como por exemplo, a Medicina Preventiva foram pouco debatidos, perdendo muito de sua finalidade. De qualquer modo, o encontro serviu mais uma vez para basicamente confraternizar homeopatas e homeopatas, nacionais e estrangeiros, o que por si só é da maior importância. Esperamos que os próximos congressos sejam mais ativos e que Hahnemann esteja cada vez mais presente.





- *dinamizações hahnemannianas manuais*
- *preparo de bioterápicos e nosódios*
- *embalagens apropriadas*
- *farmacopéia brasileira e do Dr. Willmar Schwabe*
- *produtos naturais (alimentação e beleza)*
- *medicamentos nas escolas centesimal e 50 milesimal hahnemannianas*

**De 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> das 8:30 hs. às 19:30 hs. aos sábados, das 8:30 hs. às 17:30 hs.  
Rua Olavo Egydio, 379 - Santana - tel. 267-90-05 - CEP 02037**

**Filial: De 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> das 8:30 hs. às 18:30 hs. aos sábados, das 8:30 às 17:30 hs.  
Pça. Coronel Sandoval Figueiredo n.º 22 - Tatuapé - tel. 295-31-48**